

**A VISÃO DE EDITORES SOBRE O GÊNERO  
RESENHA ACADÊMICA\***

Désirée MOTTA-ROTH (Universidade Federal de Santa Maria)

*ABSTRACT: This paper discusses book reviewing practices in three different disciplines. Information collected through interviews with the editors of three journals informs the discussion. Considering the concept of genre as encompassing a set of interrelated textual and contextual features, questions concerning the configuration of the genre and the formal aspects of the texts are analyzed. The results indicate an existing continuum between more descriptive and more evaluative texts across disciplinary boundaries, and may contribute for the adequation of academic reading and writing tasks.*

0. Introdução

O conceito de gênero pode ser pensado como um evento recorrente de comunicação em que uma determinada atividade humana, envolvendo papéis e relações sociais, é mediada pela linguagem. Considerando essa visão de gênero, o presente trabalho busca discutir a resenha acadêmica em inglês, em lingüística, química, e economia. Serão apresentados alguns resultados de um estudo do gênero resenha, não apenas a partir das características textuais, mas antes a partir das intuições dos participantes do gênero, a saber, três editores de conceituadas revistas que falaram sobre o significado do gênero para cada área. Os informantes foram três professores universitários trabalhando nos EUA no ano de 1994. O editor de química trabalhava para o *Journal of the American Chemical Society* (referido aqui como *JACS*) havia 20 anos, e estava em processo de aposentadoria da Universidade de Michigan. O editor de lingüística trabalhava com o *Studies in Second Language Acquisition (Studies)* e, à época, trabalhava na Universidade Estadual de Michigan; e o editor do *Journal of Economic Literature (JEL)* trabalhava na Universidade de Stanford na Califórnia. Esses títulos foram selecionados a partir do *Social Sciences Citation Index* e do *Science Citation Index* que traz as revistas mais citadas por área no ano de 1989 e 1990 (Motta-Roth, 1995). Os editores serão referidos aqui como [Q] para Química, [E] para Economia, e [L] para Lingüística.

\* Trabalho apresentado no Simpósio "Gêneros textuais: Perspectivas para o ensino de linguagem"

As perguntas aos editores versaram sobre conteúdo, forma, organização e importância da informação em um resenha acadêmica típica, tais como, em que medida, resenhas acadêmicas são relevantes? Como resenhas afetam a área? Descreva o processo de determinação de quem vai resenhar o quê. Como determinar o resenhador certo para um dado livro? Quais os objetivos do resenhador ao produzir o texto (interesses pessoais vs. dever profissional)? Que tipo de informação o leitor procura em uma resenha? Qual a informação central em uma resenha? Este trabalho se baseia nos comentários dos editores em torno de questões como essas, bem como em algumas informações que obtive na restrita literatura sobre o tema.

#### 1. Editores e resenhadores

Editores de resenhas escolhem o livro que receberá uma crítica especializada e determinam a tarefa a um profissional da comunidade disciplinar. Uma vez que *JACS*, *Studies* e *JEL* são revistas importantes em suas respectivas áreas, o próprio ato de decidir que livro será resenhado e o ato de convidar o resenhador têm potencial para afetar essa comunidade. Os três editores têm uma visão bastante uniforme em relação a quem cabe a autoria de resenhas, conforme as palavras de E:

[E]

Geralmente, tanto pesquisadores experientes quanto iniciantes são convidados. É provavelmente mais fácil conseguir um iniciante. ... as pessoas recusam-se a escrever resenhas porque esses textos não contam muito para promoção(...) Pesquisadores iniciantes vêem isso como uma oportunidade de ver seu nome publicado. Pesquisadores experientes já não vêem isso como novidade. Eles muitas vezes têm mais tarefas administrativas também e, portanto, menos tempo... Geralmente uma pessoa iniciante nunca fez isso antes ...e gostaria de tentar fazê-lo.

De acordo com os editores, pesquisadores experientes não escrevem resenhas regularmente por falta de tempo e interesse, mas o gênero desempenha uma função social especial de dar crédito ao trabalho de outros colegas. Para membros menos ativos na disciplina, entretanto, a resenha é uma oportunidade de fazer uma pequena, mas talvez freqüente, contribuição para a academia. Pesquisadores iniciantes parecem estar mais dispostos a resenhar livros, uma vez que isso pode ser uma forma de participar do debate disciplinar por meio de uma tarefa menos complexa do que, por exemplo, um artigo, que

requer mais tempo para leituras e procedimentos de pesquisa. Para Q, pesquisadores em química estão, em geral, muito ocupados tentando publicar mais artigos (e *menos livros*), e, por essa razão, é muito difícil encontrar alguém experiente disponível ou simpático à idéia de escrever uma crítica sobre o texto de outro colega. Q argumenta que a busca de nomes consagrados na área é ‘uma questão de desespero’:

[Q]

Você usa qualquer fonte disponível: conhecimento de quem é um *expert* em qual área, colegas, amigos, qualquer jeito. (...) Anúncios da NSF (National Science Foundation) sobre quem ganhou bolsas também dão indicações sobre quem é um *expert* em cada área. O editor então relaciona a lista de nomes com a lista de títulos esperando por resenhas (geralmente 700 livros por ano).

De acordo com E, ‘Um banco de dados natural [com nomes de pesquisadores que têm experiência em áreas específicas] é a lista de membros da Associação [Americana de Economia].’ Todavia, a razão mais enfática para profissionais mais experientes não resenharem livros é o caráter ‘discreto’ do gênero: não é essencial para um *curriculum vitae* ou uma promoção (conforme apontado, na literatura, por Wiley, 1993). Em alguns casos, o caráter pouco notável do gênero deve-se simplesmente ao baixo prestígio que livros têm em relação a outros meios de comunicação na disciplina. Revistas de astronomia e geologia, por exemplo, não publicam resenhas de forma consistente, talvez porque livros não são o modo preferido de disseminação de conhecimento nessas disciplinas (Chen, 1976). Esse parece ser o caso em economia, enquanto que em lingüística, a resenha é uma questão de preferência ou talento pessoais:

[E]

O que tem acontecido ao longo do tempo é que, em economia, o papel dos livros como um todo, sua importância, caiu em relação ao papel dos artigos. Assim alguém movido por interesse profissional dedicará seus esforços para escrever um artigo, ao invés de preparar a resenha de um livro que, de saída, talvez tenha uma importância questionável.

[L]

Algumas pessoas são melhores produzindo o trabalho, enquanto outras são melhores avaliando ou criticando o trabalho, e outras ainda fazendo ambos. Aqueles que fazem sua contribuição para o

desenvolvimento da ciência de maneira mais criativa parecem ser considerados profissionais mais significativos...

A crença tácita na responsabilidade de pesquisadores iniciantes pelo gênero foi testada através dos dados coletados no sistema de consulta computadorizada entre bibliotecas na Universidade de Michigan (MIRLYN) e em catálogos de produtividade acadêmica (Motta-Roth, 1995). Foram investigadas as carreiras de 180 resenhadores (60 por disciplina) e a produção acadêmica (p. ex. livros, artigos) anterior a 1990. O ano da publicação do primeiro livro ou artigo pelo resenhador, conforme indicado nesses catálogos de referência e no sistema MIRLYN, foi considerado o início da carreira de publicação do resenhador. A produtividade acadêmica foi classificada em termos das diferentes entradas dos nomes dos resenhadores como autores de artigos nos catálogos *Citation Index* (Garfield, 1989; 1991) e de livros no MIRLYN, de acordo com os seguintes critérios: 1) profissionais que têm publicado por mais de 15 anos, com pelo menos um livro publicado; ou 2) profissionais que têm publicado por mais do que 8 anos, com mais de 2 artigos publicados por ano. Resenhadores que não se enquadraram em pelo menos um desses dois critérios foram classificados como pesquisadores iniciantes.

Os resultados demonstraram que 63% desses resenhadores poderiam ser considerados pesquisadores seniores à época que suas resenhas foram publicadas, portanto mesmo que editores aleguem dificuldades, a tendência é ter-se pesquisadores consagrados avaliando novas produções intelectuais na área. Críticas com autoridade intelectual legitimada na disciplina talvez tenham maior impacto na área em comparação ao texto de um novato. Há também razões 'sociais' para se fazer uma resenha, tais como manter bons termos com outros membros da disciplina. Normas sociais e relações de poder em química são exercitadas através do gênero na forma de (1) uma norma social de manifestação de concordância entre colegas:

[Q]

Geralmente não há interesse pessoal em publicar uma resenha, exceto para poder colocar suas próprias opiniões em público. Um caso especial é quando você tem em alta consideração alguém que escreveu um livro e você gostaria de resenhar esse livro para dar-lhe uma boa resenha porque você está convencido que é um bom livro. (...) Ao mesmo tempo em que você não quer que o livro receba uma resenha fraca ou inapropriada, ao escrever a

resenha você mesmo, você pode fazer com que esse livro importante seja resenhado apropriadamente, enfatizando os pontos bons e dando aos pontos ruins uma perspectiva apropriada.

Ou ainda (2) uma norma social e relação de poder tácitos entre colegas de manter um círculo fechado entre os que controlam e orientam o debate disciplinar:

[Q]

Há finalmente a situação em que se tem um livro que necessita ser resenhado, contata-se um colega, dizendo que se precisa ter esse livro resenhado e preferencialmente por alguém que realmente entende do assunto. Como um favor pessoal àquela pessoa, o colega pode concordar em fazê-lo.

A Química se delinea aqui como uma matriz disciplinar tecida de forma bastante fechada, onde editores contatam membros *experts* e pedem a eles ‘favores pessoais’. Assim há diferentes razões para se escrever resenhas. No veio central da academia, certamente não se faz por projeção ou progressão na carreira mas, até certo ponto, para a socialização, mantendo contato com colegas e, ao mesmo tempo, para manter uma posição poderosa na avaliação dos avanços da disciplina.

## 2. Comunidade disciplinar

Resenhas também fornecem a novatos um fórum para mostrarem-se como participantes ativos nos debates da disciplina:

[L]

Para *Studies*, resenhas são uma contribuição importante para a área. Elas são uma maneira de estabelecer algum tipo de controle e equilíbrio. ...Resenhas são valiosas para a área e para o pesquisador de um modo diferente de artigos. Resenhas são extremamente valiosas para informar a comunidade acadêmica sobre novas publicações e como elas podem se relacionar ao trabalho de individual de cada um.

Se tomarmos os 22,000 membros da Associação Americana de Economia que recebem o *Journal of Economic Literature*, por exemplo, estaremos considerando um grande número de profissionais que podem ser afetados de formas ainda não totalmente aquinhoadas. Para L, resenhas podem atuar como mecanismos reguladores que influenciam o movimento oscilatório do pêndulo disciplinar em favor

de um ou outro autor ou teoria. O gênero funciona assim como um mecanismo de verificação de qualidade da tradição literária, exercendo algum tipo de força centrípeta em acomodar o novo livro na rede de publicações existente e no atual estado de conhecimento da disciplina. A avaliação do resenhador é uma crítica interpretativa consoante com as discussões atuais na área mais ampla...em publicações profissionais, conferências, e...esferas institucionais em geral que participam na configuração da disciplina. O gênero tem sido apontado como um mecanismo de guarda do acesso de entrada ao debate acadêmico (*gatekeeping power*, conforme Wiley, 1993:477) que varia com o reconhecimento desfrutado pelo resenhador, a relevância do livro e o status da revista em que a resenha aparece. Em meio a esse contexto, qual a razão para se ler resenhas do ponto-de-vista da audiência-alvo?

### 3. Audiência-alvo

Em geral, fatores contextuais como a necessidade de informação eficiente sobre material novo e os altos custos dos livros para aquisição pessoal levam pessoas a lerem resenhas. Para Q, quanto mais caro o livro, mais as pessoas vão ler *sobre ele* antes de comprá-lo.

[E]

[Eu leio resenhas] muito para saber o que as pessoas andam dizendo ou discutindo ou que resultados estarão contidos em um livro. E também o que as pessoas pensam disso. Depois de ler a resenha, não é que eu vá comprar o livro, mas é bem provável que eu o retire da biblioteca.

Expectativas em relação à informação a ser encontrada em resenhas revelam diferentes concepções de audiência. O químico espera um leitor em busca de comentários objetivos:

[Q]

O objetivo da resenha é informar o colega químico do conteúdo e do valor do livro....

O lingüista busca uma análise profunda do livro, uma crítica elaborada, avaliando as conexões existentes entre os diferentes tópicos abordados no livro. Finalmente, o economista se preocupa com uma audiência que procura um texto autoral, essencialmente argumentativo, onde o resenhador 'instrui' o leitor sobre como ver o livro:

[E]

A idéia é tentar colocar o livro em algum tipo de contexto. (...) Eu penso que isso ajuda as pessoas que não conhecem a área muito bem, ajuda-os a localizar o papel desse livro que está sendo resenhado.

O leitor é referido aqui como ‘uma pessoa que não conhece a área’, e assim a relação entre leitor e resenhador parece menos simétrica do que em química, onde o leitor é o ‘colega químico’. Ao discutir a ética desse gênero textual, Wiley (1993) examina essa questão em relação às variações no estatuto científico à medida que se atravessam fronteiras disciplinares. Para ele, em ‘disciplinas não tão bem estabelecidas como as ciências humanas, onde membros não compartilham amplamente um complexo de teorias’ (ibid.:483), resenhadores enfrentam o desafio de construir um contexto disciplinar onde enquadrar o novo livro para o leitor. Para ele, há uma perspectiva assimétrica entre escritores e leitores em lingüística, assim resenhadores não devem tomar como dado um amplo conhecimento compartilhado com a audiência, já que leitores podem não ter informações relevantes sobre o tópico do livro, as metodologias de pesquisa comumente adotadas no tratamento dos tópicos, ou ainda sobre a literatura invocada pelo resenhador (ibid.:482).

#### 4. Conteúdo da resenha

Drewry (1966:57) afirma que o objetivo fundamental de uma resenha acadêmica é responder questões básicas: quem é autor, sobre o que é o livro, como se compara com outros livros do mesmo autor, da mesma área, do mesmo assunto. Steiner (1981) postula que o resenhador de qualquer livro acadêmico deveria cobrir pontos básicos, envolvendo uma variedade de aspectos tais como a medida em que o autor atingiu com sucesso os objetivos estabelecidos para o livro, incluindo o rigor com as referências ou ortografia:

[E]

Há realmente dois objetivos principais dessas resenhas. O primeiro objetivo é dizer ao leitor exatamente o que ele vai encontrar dentro do livro. Em outras palavras, o objetivo é descrever as linhas gerais do argumento ou descobertas do livro. O segundo objetivo é oferecer algum tipo de avaliação do livro.

Enquanto que em química, esse conceito do ‘que está dentro do livro’ significa o âmbito do livro e nível em que os conteúdos são apresentados; em economia, o interior de um livro é visto mais em

termos das 'linhas centrais do argumento ou as descobertas principais do livro' (mais próximo portanto da visão do editor em lingüística: 'uma maneira de estabelecer algum tipo de controle e parametrização'). Assim há, pelo menos, duas características do gênero: descrição do livro (p.ex., autor e utilidade para o leitor) e avaliação dos pontos fortes e fracos no livro (p.ex., em que medida o livro cobre tópicos centrais e difíceis).

O gênero pode ser considerado como envolvendo um contínuo entre descrição e avaliação. Resenhas mais objetivas podem ser representadas por descrições mais objetivas do conteúdo do livro, relacionando-o à área de maneira geral, com uma avaliação menos explícita. Esse tipo de texto parece corresponder mais à visão do gênero de Q. Textos mais subjetivos são aqueles em que o resenhador expressa sua visão pessoal, aquilatando o valor da publicação para a área. Considerando-se as entrevistas de E e L, resenhas em economia e lingüística parecem tender na direção do extremo avaliativo do contínuo, onde o resenhador é um expert que parte de seu conhecimento e sua experiência profissionais para estabelecer a relevância do livro para a disciplina. Esse tipo de texto ocorre raramente em química, mas pode trazer embutida uma crítica bastante negativa:

[Q]

Às vezes você reconhece que um autor pode ter sido muito competente anos atrás, mas agora ele está ultrapassado. Isso pode resultar em um ataque do resenhador ao editor do livro por ter permitido que um material tão ultrapassado seja publicado.

Além de verificar que os textos em química são mais curtos (557 palavras) do que aqueles em economia (975) ou lingüística (1.374), foi possível constatar que, em química, os textos são também menos avaliativos, uma vez que as porções avaliativas são menos freqüentes (e consistentemente mais curtas) do que nas outras duas disciplinas. O fato de que economistas dedicam maiores porções do texto à avaliação (em oposição aos químicos que enfatizam a descrição) e que resenhas mais explicitamente negativas foram encontradas em economia fazem com que essa última seja considerada a área mais avaliativa entre as três disciplinas. Essa explicitação da avaliação é indicada pela presença consistente de (i) tom pessoal, p. ex., 'Mas pelo menos *eu* não fiquei convencido pelas evidências apresentadas em *The Economics of 1992*'; (ii) explicitação, ausência de modalização e uso consistente de comentários negativos explícitos, p. ex., '[O livro] não é nem mesmo



um estado-da-arte', 'Assim, é tudo menos boa propaganda [do autor].'; ou (iii) Enfraquecimento de comentários positivos com modalização, p. ex., 'Há provavelmente algumas passagens instrutivas [no livro]'. Essas características são incomuns nos textos de química.

As questões expostas acima indicam que, ao elaborarem seus textos, deve-se considerar a adequação a cada disciplina, balanceando descrição e avaliação pessoal do conteúdo do livro.

## 5. Observações finais

A discussão no presente trabalho levanta questões relacionadas às diferenças nas práticas adotadas para o gênero resenha em diferentes disciplinas. Se resenhas respondem às necessidades da ciência de avaliação e validação da literatura científica, então variações em traços tais como critérios para avaliação e descrição sinalizam diferentes práticas disciplinares no uso do mesmo gênero. Tais variações disciplinares devem ser levadas em consideração por linguistas do texto e professores de redação acadêmica e leitura para fins acadêmicos para que se adaptem procedimentos analíticos e pedagógicos a cada área específica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHEN, Q-Q. (1976) *Biomedical, scientific and technical book review*. Metuchen, NJ: Scarecrow.
- DREWRY, J. (1966) *Writing book reviews*. Boston: The Writer.
- MOTTA-ROTH, D. (1995) *Rhetorical features and disciplinary cultures: A genre-based study of academic book reviews in linguistics, chemistry and economics*. Ph.D. Dissertation. Florianópolis, Brazil: Federal University of Santa Catarina.
- STEINER, D. R. (1981) *Historical journals: A handbook for writers and reviewers*. Santa Barbara, Ca: ABC-Clio.
- WILEY, M. (1993) How to read a book: reflections on the ethics of book reviews. *Journal of Advanced Composition*, **13**(2):477-92.